

CONSIDERAÇÕES SOBRE A ORGANIZAÇÃO DE RODAS DE CONVERSA E MESAS-REDONDAS

CONSIDERATIONS ABOUT ORGANIZATION OF CIRCLES CONVERSATION AND ROUNDS TABLES

CONSIDERACIONES SOBRE LA ORGANIZACIÓN DE CÍRCULOS DE CONVERSACIÓN Y MESAS REDONDAS

EDUARDO JOSÉ MANZINI

Doutor em Psicologia Experimental pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista (Unesp) – Marília – SP.

eduardo.manzini@unesp.br

<https://orcid.org/0000-0002-7157-8227>

Recebido em: 26/09/2023

Aceito em: 21/06/2024

Publicado em: 03/10/2024

Resumo

Mesas-redondas e rodas de conversa têm se tornado nomenclaturas largamente utilizadas em eventos científicos. O objetivo deste artigo foi desenvolver um procedimento para que os conteúdos de suas apresentações em eventos científicos possam ser mais bem organizados para uma plateia. Em termos metodológicos, o procedimento consistiu em uma conversa prévia com os convidados das mesas-redondas ou rodas de conversa, na qual, em tempo real, o coordenador deveria identificar e registrar os temas falados, realizando uma análise de conteúdo temática. O resultado desta análise foi sintetizado em uma lista apresentada para os convidados, a qual foi validada por eles nessa reunião prévia. Concluiu-se que o procedimento se mostrou efetivo para a organização e o desenvolvimento das rodas de conversa.

Palavras-chave: Rodas de conversa; Mesa-redonda; Organização.

Abstract

Round tables and conversation circles have become widely used nomenclatures in scientific events. The objective of this article was to develop a procedure so that the content of their presentation at scientific events can be better organized for an audience. In methodological terms, the procedure consists of a prior conversation with the guests of the round tables or conversation circles and, in real time, during this conversation, the coordinator should identify and record the topics discussed, carrying out a thematic content analysis. The result of this analysis is synthesized into a list presented to the guests and validated by them in this preliminary meeting. They study concluded that the procedure proved to be effective for the organization and development of conversation circles.

Keywords: Conversation circles; Round table; Organization.

Resumen

Las mesas redondas y los círculos de conversación se han convertido en nomenclaturas muy utilizadas en los eventos científicos. El objetivo de este artículo fue desarrollar un procedimiento para que el contenido de su presentación en eventos científicos pueda organizarse mejor para una audiencia. En términos metodológicos, el procedimiento consiste en una conversación previa con los invitados a las mesas redondas o círculos de conversación y, en tiempo real, durante esta conversación, el coordinador debe identificar y registrar los temas tratados, realizando un análisis de contenido temático. El resultado de este análisis se sintetiza en una lista presentada a los invitados y validada por ellos en esta reunión preliminar. El estudio concluyó que el procedimiento resultó eficaz para la organización y desarrollo de círculos de conversación.

Palabras clave: Círculos de conversación; Mesa redonda; Organización.

1 Introdução

Uma das minhas primeiras experiências com o tema roda de conversa ocorreu por volta dos anos 1980. Na época, estava no quarto ano do curso de Psicologia e trabalhava em um projeto de alfabetização de adultos, mais especificamente, na pós-alfabetização, com um grupo de, aproximadamente, oito pessoas que já escreviam e buscavam aperfeiçoar a escrita, a matemática, entre outras habilidades. O coordenador do projeto maior era o professor Jorge Luis Cammarano González, que estava em vias de defender sua dissertação de Mestrado (González, 1983).

O projeto funcionava na cidade de Piracicaba, em vários bairros de periferia, e eu acompanhava a professora Silvana Mussalim Guimarães, que era outra estudante no último ano do curso de Psicologia e que, anos depois, finalizou sua dissertação dentro do mesmo tema (Guimarães, 2001). A mantenedora do projeto era a Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP). Nós éramos bolsistas, estudávamos em período integral durante o dia e, à noite, trabalhávamos no projeto, diretamente com a comunidade dos bairros, como o bairro São Jorge, no nosso caso. O local, na época, era bem perigoso, e os nossos alunos, bem mais velhos que nós, nos esperavam no ponto de ônibus e nos apresentavam para os moradores daquela rua, que era de terra e sem calçadas, de um lado mato e do outro também. Na realidade, as apresentações passavam uma mensagem subliminar para os “moradores”: “Esses são nossos professores, não façam nada de mal para eles”.

Num dia, à tarde, uma colega do projeto me perguntou se eu iria participar da conversa com o professor Paulo Freire, que estava na UNIMEP. Logo eu perguntei: “Ele vai dar uma palestra?”, e ela respondeu: “Não, será uma roda de conversa com o grupo”.

O professor Paulo Freire havia chegado do exílio, em agosto de 1979, e lá estávamos nós, ávidos por conhecê-lo. Então, logo me dirigi à sala e, ao entrar, vi o professor Paulo Freire, sentado em uma cadeira, e um enorme grupo, todos sentados no chão – o que não era problema na época, pois, com 20 anos de idade, isso era fácil de se fazer. O grupo se arranjava em um grande semicírculo. Literalmente, comecei a entender o que era uma roda de conversa, uma conversa em que as pessoas estavam em roda, mas que não era decidida somente pelo arranjo ambiental, mas na forma como a conversa fluía dentro do grupo.

Passados mais de quarenta anos, hoje é muito frequente ouvirmos falar em roda de conversa em eventos científicos. Porém, nem sempre o que ocorre é uma roda de conversa. Uma plateia atenta percebe que as apresentações, recheadas com um PowerPoint, acabam sendo quase que pequenas aulas, e com perguntas após as apresentações. O tempo de conversa do grupo todo é bastante inferior às falas das pessoas convidadas. E fomos nos adaptando a esses modelos.

Às vezes, não é possível distinguir entre um evento nomeado como Roda de Conversa e um como Mesa-redonda. Assim, os nomes dados pelas organizações desses eventos poderiam ser sinônimos, pois a dinâmica parece ser a mesma: uma pessoa fala, depois outra, depois outra e abre-se para o público fazer perguntas. Às vezes, o público acaba não fazendo perguntas, mas comentários, exposições de depoimentos de experiências semelhantes ou muito diferentes das falas dos mesários. Na realidade, não há uma conversa sobre o tema. Enfim, as rodas de conversas nem sempre são conversas. Não se trata, simplesmente, de uma crítica, mas de uma autocrítica, pautada naquelas vezes em que participei de rodas de conversa.

Atualmente, existem alguns programas de entrevistas que podem parecer uma roda de conversa, como o programa Roda Viva, da TV Cultura. Mas com um olhar atento, podemos concluir que a pessoa ao centro da roda é uma entrevistada, e, em círculo, os vários entrevistadores perguntam ou fazem comentários.

Uma roda de conversa parece ser algo bem diferente. Na maioria das vezes, há uma temática predefinida, a respeito da qual todas as pessoas da roda podem expressar suas experiências. Seria um falar com escuta. A conversa flui pela roda, com certa espontaneidade e de forma bem democrática, na maioria das vezes.

Este texto tem como objetivo apresentar algumas considerações a respeito das rodas de conversa e/ou mesas-redondas e compartilhar os procedimentos que são utilizados para a

organização desse tipo de evento, cuja finalidade maior é a formação de profissionais e estudantes em assuntos específicos.

2 Considerações sobre rodas de conversa

As rodas de conversa têm sido utilizadas para pesquisa e atividades de formação e, talvez pela sua boa aceitação, chegou a fazer parte, nominalmente, de grandes eventos científicos.

Os participantes dessas pesquisas e atividades de formação podem ser crianças da Educação Infantil (Paiva; Araújo; Cruz, 2019; Pinto *et al.*, 2021), adolescentes (Sampaio *et al.*, 2014), idosas (Pinheiro, 2020), estudantes e professores (Melo; Cruz, 2014; Moura; Lima, 2014), entre outros.

A definição de roda de conversa pode seguir diferentes abordagens teóricas, como a pedagogia crítica (Sampaio *et al.*, 2014), a etnografia (Pinheiro, 2020), ou mesclar fundamentações teóricas (Melo; Cruz, 2014).

Alinhada à pedagogia crítica do educador Paulo Freire, Sampaio *et al.* (2014) conceberam roda de conversa como uma metodologia para a coleta de dados que se fundamenta como uma estratégia que é política e libertadora, ao defender que grupos, historicamente excluídos, possam expor suas vivências.

Mas será que para isso é necessário que as rodas de conversa ocorram somente com grupos excluídos? Não seria possível, por meio delas, produzir reflexão e uma transformação de nossas concepções e ideias preconcebidas? Num evento científico, seria possível pensar nessa estratégia?

Para Pinheiro (2020, p. 5), uma das características que claramente diferencia as rodas de conversa de outras coletas de dados verbais na forma coletiva – como os grupos de discussão ou grupo focal – refere-se ao caráter educativo dessas conversações, ou seja, a sua “[...] potencialidade dialógica e formativa”.

O caráter educativo dessas conversas também é expresso por Pinto *et al.* (2021), que apresentaram apontamentos sobre as rodas de conversas na Educação Infantil. Os autores enaltecem que, ao trocar ideias, as crianças podem falar e serem escutadas, explorar diversos conteúdos, podem aprender umas com as outras, e o mesmo também ocorre com os professores, que vão se apercebendo desse universo infantil e, com essas trocas, aprendem a conhecer

melhor os seus alunos. Na direção da pesquisa, as rodas de conversas produzem dados de natureza verbal, que podem ser analisados, publicados e compartilhados. Na Educação Infantil, pensando na direção formativa, elas têm o potencial de trabalhar com o desenvolvimento da linguagem e fala, um dos conteúdos a serem trabalhados nessa fase (Pinto *et al.*, 2021).

Ainda dentro da Educação Infantil, Paiva, Araújo e Cruz (2019) relataram o trabalho desenvolvido por professores em creches e pré-escolas de Fortaleza, Ceará, com crianças de duas faixas etárias: de três anos e de quatro a cinco anos. Os autores coletaram dados por meio de entrevistas e observações. Os dados oriundos das entrevistas revelaram algumas das concepções das professoras sobre a roda de conversa, entre elas: 1) tem a função de desenvolvimento da linguagem das crianças; 2) o professor é um dos participantes e traz temas a serem discutidos; 3) o professor dirige a conversa para os temas elencados; 4) é uma forma para realizar a intervenção de conflitos que possam aparecer. Nota-se que, no estudo desenvolvido, as concepções identificadas têm pressupostos bem diferentes em relação à roda de conversa ser uma estratégia política e libertadora e parece se ater a um caráter mais diretivo para um conteúdo.

Outra característica comum aos trabalhos com rodas de conversa se refere ao tamanho dos grupos, geralmente com poucas pessoas. Apesar de não haver uma determinação sobre o tamanho do grupo – como há em outras estratégias para coletar dados por meios verbais, como o grupo focal, que apresenta padrões para isso (Morgan, 1977) –, o que determina o número de participantes é o objetivo e o tipo de pesquisa.

Com certeza, ao utilizar a roda de conversa dentro de uma sala de aula na Educação Infantil, o número de crianças será bem reduzido.

As pesquisas que utilizam as rodas de conversa trazem algumas pistas sobre o número de participantes e como eles lidam com a composição de grupos.

Sampaio *et al.* (2014) pontuaram, em relação à composição do número de participantes, que o estudo desenvolvido respeitou o movimento de cada grupo; em alguns encontros havia 15 participantes, em outros, 3 pessoas participaram. Na pesquisa de Pinheiro (2020), há o relato de que a participação no grupo era aberta, sendo que em alguns encontros as participantes convidavam outras vizinhas, mas que havia um “núcleo estável” de seis participantes.

Transferindo esses dados para os eventos científicos, o que se nota é um número bem maior de participantes, na maioria das vezes regidos pelas normas de inscrição.

Será, então, que esse caráter formativo teria levado essa terminologia para o rol dos eventos científicos, expandindo esse caráter formativo? Pois os eventos são disseminadores de novos conhecimentos e se constituem em um forte meio para a formação continuada de professores, profissionais e pesquisadores.

Um dos objetivos que se almeja com as rodas de conversas é que elas deveriam possibilitar encontros dialógicos, reflexivos e transformadores de valores e de ações, mas esse desejo nem sempre se revela na realidade. Sampaio *et al.* (2014) descreveram, em uma pesquisa-ação com adolescentes focada no tema gênero e sexualidade, os perfis que as rodas de conversas foram ganhando a partir das reuniões realizadas com essas adolescentes em quatro bairros da cidade de Petrolina, Pernambuco. Em análises decorrentes das 165 rodas de conversas, com oito grupos de adolescentes, os pesquisadores pontuaram três perfis das rodas: 1) um de caráter mais informativo, cujas falas dos facilitadores mostraram-se mais técnicas e normativas em relação ao tema discutido; 2) um perfil fundamentado mais em narrativas descritivas, mas sem alcançar, necessariamente, um nível reflexivo das informações; e 3) um perfil mais reflexivo, decodificando as normas comumente impostas em relação à questão de gênero e sexualidade.

De forma geral, a literatura traz alguns elementos que possibilitam questionamentos para a discussão:

1) a roda de conversa possibilita o protagonismo de quem fala, mas isso não pode ficar desagregado dos mediadores que conduzem a roda; há indicativos que alguns podem ser mais diretivos do que outros;

2) a roda possibilita escutar e falar. Novamente, há que considerar que num grupo possam se sobressair pessoas que lideram as falas, e, com certeza, a figura do mediador será requerida;

3) a roda permite expor subjetividades, mas o nível de exposição individual irá depender da maturidade do grupo, fator que pode ser ocasionado pelo tempo de convívio do grupo, ou seja, o quão íntimo o grupo vai se tornar na vida daquela pessoa, pois, em um grupo que seja crítico, talvez a subjetividade não seja tão permissiva;

4) a roda de conversa é uma metodologia ativa, pois, para que ela ocorra, há a necessidade da participação dos seus membros, portanto, também será necessária uma certa aprendizagem para que os participantes possam aprender a falar, como falar, e a escutar;

5) há necessidade de se considerar a dificuldade de tratamento de determinados temas nas rodas de conversas, que envolvem questões de valores culturais e religiosos, como gravidez, aborto, homossexualismo;

6) atualmente, nem sempre as pessoas estão abertas a mudanças ou a escuta. Escutar algo muito diferente dos próprios valores pode ser uma barreira a ser transposta.

Muitas das questões aqui colocadas se referem à roda de conversa como uma vertente de transformação e reflexão, que pode ou não fazer com que as pessoas compreendam as ideias preconcebidas, entender seus valores interiorizados, suas crenças e posições políticas.

Os seis elementos elencados ilustram a dificuldade em usar o procedimento de rodas de conversas com grandes populações, uma vez que elas surgiram com grupos menores, com especificidades locais, para que as pessoas pudessem discutir assuntos vivenciados por elas na direção de transformar as próprias situações de vida. Porém, há relatos de experiências com rodas de conversas em ambientes universitários, que buscam a formação de estudantes, com maior número de participantes (Leite; Hellmann, 2022).

O relato de experiências de Leite e Hellmann (2022) ocorreu em um curso de Turismo, na cidade de Florianópolis. O evento foi organizado pelos próprios discentes do curso e teve uma adesão de 65 participantes. O tema maior referiu-se à preservação e sustentabilidade dentro do turismo: atividades turísticas sustentáveis. Foram convidados quatro profissionais para falarem sobre suas experiências. Os autores relataram que os convidados realizaram apresentações individuais e complementaram as falas sobre o tema maior do evento, materializada em uma pergunta geradora: “De que maneira a atividade turística exercida por vocês contribui para a preservação e sustentabilidade do turismo em Florianópolis?” (Leite; Hellmann, 2022, p. 3). O resultado culminou com uma cartilha envolvendo o tema principal da roda de conversa, que foi elaborada pelos discentes do curso que organizaram o evento.

Durante a pandemia da covid-19, muitas das atividades presenciais foram substituídas por eventos online, e isso também ocorreu com as rodas de conversas. Em algumas situações, a própria pandemia foi motivo de discussão em rodas de conversas, como ocorreu na “Roda de Conversa Virtual: arquitetura em contexto de pandemia: velhas questões, novos caminhos”

(Elali, 2020). O evento foi organizado pelo Grupo Projetar e pela Revista Projetar, vinculados à Universidade Federal do Rio Grande do Norte. A ideia foi discutir, com os cursos de Arquitetura e Urbanismo e do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, as questões em torno da própria área de atuação. Duas perguntas geradoras iniciaram as discussões:

1) O que muda na Arquitetura de uma sociedade que hoje é refém de eventos como a pandemia do Covid-19? Como os/as arquitetos/as podem contribuir para combater essa pandemia e lidar com eventos semelhantes, cujas exigências ainda não são previstas? [...] 2) Qual o papel da arquitetura nesse debate? Como a pandemia impacta no trabalho de concepção destes tipos de ambientes? (Elali, 2020, p. 194-195).

A coordenação do evento convidou quatro profissionais para discutir a questão, e o evento foi transmitido pelas redes *YouTube* e *Facebook*, com duração de 4 horas.

Pensando a respeito das informações pontuadas, a nomenclatura “rodas de conversas” para grandes eventos e com grandes populações parece ter um outro significado, cujo processo educativo e de reflexão estaria presente.

3 Considerações sobre mesas-redondas

Enquanto o tema Roda de Conversa tem uma vertente dentro da pesquisa como fonte de coleta de dados e uma vertente de disseminação do conhecimento, o palco das mesas-redondas se restringe a eventos científicos abordando um cenário de discussões de temas ou problemáticas que podem ser atuais (Püschel, 2022) ou podem ser históricas (Fernandes, 2019; Manzini; Oliveira; Germano, 2018). Por um lado, os resultados das mesas-redondas podem produzir conhecimento e gerar novas ideias e novas interpretações sobre um tema. Por outro, configuram-se em um serviço de extensão que, ao mesmo tempo em que podem gerar novos conhecimentos, devido às discussões de conteúdo, servem como disseminação desses conhecimentos, no momento ou após o debate, ao publicar a discussão ocorrida na forma de artigos científicos ou capítulos de livros.

As agências que organizam eventos científicos têm construídos protocolos a serem seguidos para a composição de mesas-redondas, apesar da ausência de um padrão obrigatório para todos os eventos (Galoá, 2024). O protocolo tem uma relação mais formal que de conteúdo: 1) a mediação quase sempre é realizada por alguém do comitê organizador, podendo ser um convidado externo; 2) a função desse mediador é apresentar e envolver os convidados; 3) ele deve indicar uma ordem das apresentações das pessoas da mesa; 4) ele também deve controlar

o tempo de fala dos apresentadores. Após as apresentações, os convidados debatem entre si e/ou o público está liberado para questionar (Galoá, 2024).

Os próprios organizadores dos eventos científicos podem propor o protocolo para composição das mesas-redondas: “[...] Atividade de até duas horas de duração, composta por até três proponentes, desenvolvida coletivamente ao longo do tempo proposto utilizando uma exposição dialogada entre todos os membros da atividade” (Conedu, 2024, online).

O objetivo das mesas-redondas é o de provocar o debate de temas específicos para direcionar a produção de conhecimento, ou direcionar políticas públicas, ou realizar, por exemplo, uma avaliação crítica sobre um evento passado.

A composição das mesas-redondas está atrelada aos seus objetivos. Para discussão de diretrizes de políticas públicas, por exemplo, uma mesa pode ser composta por representantes do governo, categorias de classes profissionais, por meio de seu Conselho, sindicatos, e pesquisadores sobre o tema. Na realidade, não há um padrão para a escolha da composição. Ou seja, a diversidade dos participantes é sempre interessante, com posições teóricas diferentes e diversas.

Entre as avaliações de acontecimentos históricos e processuais, a Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM) organizou uma mesa-redonda para avaliar, crítica e historicamente, a sua participação em quatro dimensões: 1) nas políticas públicas educacionais; 2) na produção de conhecimento; 3) na formação de professores; e 4) no ensino de Matemática. A conclusão indicou uma forte participação da SBEM nas quatro frentes, com a participação de seus associados na Educação Básica e no Ensino Superior (Fernandes, 2019).

Nessa mesma direção, a Jornada de Educação Especial, promovida pelo Departamento de Educação Especial, da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Marília, realizada em 2018, teve como foco uma avaliação das diretrizes da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva de 2008 (Brasil, 2008). Portanto, uma avaliação após dez anos. O evento se iniciou com a conferência de abertura intitulada “Política de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva – 2008: contexto de criação” e seguiu com várias mesas-redondas, como: 1) Política de Educação Especial nos estados de São Paulo, Paraná e Rio de Janeiro; 2) Política de Educação Especial nos estados de Pará e Espírito Santo; 3) Avaliações recentes sobre a política de Educação

Especial. Um grande balanço foi realizado, demonstrando os avanços a partir de 2008 e as lacunas que necessitavam ser preenchidas (Manzini; Oliveira; Germano, 2018).

Em relação a temas específicos, pode-se assinalar as ações da Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn) na organização de uma mesa-redonda para discutir o tema Enfermagem de Prática Avançada (EPA) com o objetivo de integrar seus conteúdos aos cursos de Residência e Mestrado Profissional. A composição da mesa envolveu profissionais do Conselho Federal de Enfermagem e profissionais que estudavam o tema. Os resultados indicaram a necessidade de ampliar o debate sobre o tema, a necessidade de os órgãos reguladores participarem desse debate e a necessidade de criação de mecanismos de regulação para o enfermeiro de práticas avançadas (Püschel, 2022).

4 Método: procedimentos para organizar mesas-redondas e rodas de conversa

Em algumas situações existem conhecimentos que são tão novos que o grau de compartilhamento entre as pessoas pode ser muito pequeno, e talvez não haja uma conversa dialogada. Em outras situações, as experiências de algumas pessoas são tão peculiares que ouvi-las falar sobre aquele algo tão novo pode ser um aprendizado. Com certeza, uma aula expositiva, com um bom encadeamento de ideias sobre “algo desconhecido” pode provocar interesse e atenção, provocar curiosidades e gerar dúvidas a serem esclarecidas.

Esses exemplos se adequam ao que foi convencionalmente chamado de mesas-redondas, ou mesas temáticas, que também têm um caráter formativo e educativo, porém mais fundamentado dentro de um perfil informativo. Essa diferenciação é importante, pois os pressupostos teóricos são diferentes das rodas de conversa, apesar de suas finalidades formadoras ou transformadoras.

Com a chegada da pandemia da covid-19, foi necessário que os grandes eventos se adequassem às situações não presenciais que gerariam aglomerações. Nesse contexto, desenvolvemos os procedimentos para organizar mesas-redondas relacionadas às finalidades de formação, motivo desse estudo.

A ideia inicial foi criar um suporte para que os palestrantes e o coordenador se organizassem frente ao conteúdo do tema de uma “roda de conversa”.

Ao longo da pandemia, o evento ocorreu por meio da transmissão online em uma plataforma que suportava o acesso ao *YouTube*. Foi patrocinado pelo Grupo de Pesquisa

Deficiências Físicas e Sensoriais, cadastrado no CNPq desde 1977, e ocorreu durante o VI Seminário do Grupo de Pesquisa Deficiências Físicas e Sensoriais, entre 13 e 14 de dezembro de 2021, e foi intitulado “Roda de conversa: Audiodescrição¹”.

Para organizar essa roda de conversa, um encontro foi agendado para que o grupo de três pessoas – coordenador e outros dois convidados – pudesse decidir, previamente, o conteúdo da roda de conversa.

Os convidados, um de Portugal e outro do Brasil, foram apresentados e cada um começou a falar sua experiência em relação ao tema audiodescrição. O encontro foi por meio da plataforma do *Google Meet*, mas não foi gravado. O objetivo do coordenador era realizar o que tem sido nomeado como *Brainstorming*, traduzido por “chuva de ideias”. Na realidade, tratou-se das experiências, percepções, concepções sobre o tema audiodescrição, objeto de estudo de ambos os pesquisadores.

Durante os relatos dos convidados, o coordenador identificava e anotava os temas falados. Após a exposição, o coordenador apresentou aos convidados a análise temática, ainda não elaborada em uma ordem que poderia ser mais didática para uma plateia, mas exatamente na sequência em que os convidados falaram.

O fim da reunião culminou com a validação desses subtemas, ou seja, os temas foram apresentados aos convidados, e discutiu-se sobre a pertinência deles e se seriam os temas mais importantes para serem debatidos na roda de conversa. Os convidados também puderam participar, para verificar se algum outro tema deveria ser inserido nesse conjunto. Terminada essa fase, o coordenador classificou esses temas em uma ordem mais adequada e os enviou, por e-mail, para os convidados.

Os subtemas ficaram assim constituídos:

Audiodescrição: algo profissional?

Como popularizar a audiodescrição?

Como preparar uma pessoa para fazer audiodescrição?

Qual o financiamento para a preparação desse profissional?

Como funcionam os vídeos de divulgação?

Como buscar novos integrantes para popularizar a audiodescrição em escolas?

¹ A gravação da roda de conversa pode ser vista em: <https://www.youtube.com/watch?v=iYszY54WhQw>.

Como motivar estudantes do ensino médio (com bolsas, notas etc.) para ingressar em projetos de audiodescrição?

Há política de popularização das atividades científicas em audiodescrição?

Quais as diferenças entre Portugal e Brasil em termos de audiodescrição?

Qual o papel dos juízes para rever as imagens descritas?

Como achar consultores de audiodescrição?

Qual o papel da língua (vocabulário) no momento da audiodescrição?

Onde encontrar cursos de audiodescrição *free* para pessoas interessadas?

Como as associações poderiam participar ativamente desse processo de construção da audiodescrição nos países?

Existem diferentes níveis de audiodescrição?

Descrição mais poéticas, formais etc.: há diferentes modalidades?

Como é a audiodescrição dentro de ambientes familiares quando temos pessoas cegas na família?

Como as pessoas da família aprendem com os modelos de audiodescrição?

Audiodescrição de filme, que está pronto, é diferente da audiodescrição de um teatro, que acontece na hora?

Audiodescrição de dança é diferente?

Com os subtemas elencados, foi possível realizar, no mês seguinte, o evento intitulado roda de conversa. O coordenador iniciava a conversa com cada uma das perguntas e os convidados apresentavam os seus pontos de vista acerca do tema. A apresentação pareceu ser bem espontânea, pois a organização anterior permitiu que os convidados pudessem pensar, ao longo do mês anterior ao evento, sobre os pontos arrolados anteriormente.

Durante o evento, não foram utilizados slides ou outros recursos audiovisuais. Aos olhos do público, a conversa pareceu bem espontânea, o público demonstrou interesse, mas pouquíssimas perguntas foram escritas na plataforma. Por um lado, essa pouca participação ocorreu por ser um tema bastante específico, com conteúdos técnicos mais precisos e definidos. Por outro lado, a própria forma de interação foi uma variável importante em relação à

participação, em um ambiente de chat, cujos modelos tradicionais oferecem mais frases de agradecimento, comentários que questionamentos críticos.

Na segunda vez que esse procedimento foi utilizado, ocorreu num evento de egressos, patrocinado pelo Programa de Pós-graduação em Educação. O evento denominado como II Encontro de Egressos do Programa de Pós-graduação em Educação, Unesp, Marília, ocorreu em 2023.

A mesa foi intitulada de Experiências em internacionalização², e o objetivo era apresentar essas experiências. O evento dirigido para egressos também teve a participação de alunos do Programa de Pós-graduação em Educação e havia uma expectativa de grande audiência nessa mesa, pois, principalmente no doutorado, existe a possibilidade de os discentes realizarem visitas a instituições estrangeiras por meio de uma bolsa, denominada Bolsa Sanduiche, pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), ou Bolsa para Estágio de Pesquisa no Exterior (BEPE), pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

Três egressos do Programa, que já estavam contratados e trabalhando em universidades, foram convidados. O critério de escolha incidiu sobre experiências distintas e em países diferentes: na Universidade de Oslo, na Noruega, com docente da Universidade Federal da Paraíba (UFPB); na Universidade de Barcelona, na Espanha, com docente da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e experiências no El Colegio de San Luis, no México, com docente da Universidade Tiradentes em Aracaju.

O procedimento utilizado foi o mesmo: foi marcada uma reunião pelo *Google Meet*, e a pergunta geradora foi: Vocês poderiam contar, por volta de 8 a 10 minutos, a experiência que tiveram nos países nos quais foram fazer a bolsa sanduiche?.

Assim, cada um dos convidados relatou as suas experiências, e o coordenador foi identificando e anotando os temas relacionadas à vivência dos discentes, hoje, docentes em Universidades Públicas.

Os temas identificados foram:

- Qual a data da experiência internacional?
- Qual foi a instituição?

² A gravação da mesa pode ser vista em: <https://www.youtube.com/live/Z3zz-voJmyY?feature=share>.

Qual o nome do supervisor da instituição?

Qual foi o orientador do programa da Unesp?

As orientações ocorreram à distância?

Qual o tempo que durou a experiência profissional?

Como foi seu contato de ida?

Teve bolsa?

Em que fase foi viajar: tinha qualificado ou não?

De quais atividades participou: bancas, eventos, conferências, grupos de pesquisa?

Como foram as questões relacionadas à língua do país?

A experiência contribuiu para a pesquisa ou coletou dados de outra pesquisa?

Tema da pesquisa:

Tema de outras pesquisas:

Experiência de vida:

Produtos decorrentes das experiências:

Houve continuidade temática em suas atividades docentes (projetos, intercâmbios)?

Fotos de situações pessoais e culturais:

Como foi a prestação de contas e relatórios?

Ao final da reunião, a lista com os temas foi apresentada e houve a sugestão de inserir um tema não relatado: Como foi a prestação de contas e relatórios? Esse tema, segundo os convidados, foi importante, pois a prestação de contas é rigorosa, com necessidade de se guardar todos os comprovantes de gastos.

Diferente da roda de conversa mencionada anteriormente, a ideia foi que houvesse uma apresentação estruturada e que todos os convidados elaborassem os seus slides para serem apresentados durante 25 minutos, aproximadamente.

Retornando às questões metodológicas, as bases teóricas nas quais se fundamenta esse procedimento advém da técnica de análise de conteúdo já fundamentada por Bardin (2011) e descrita detalhadamente por Manzini (2020). A diferença é que a análise temática ocorreu enquanto os convidados falavam, a análise era quase síncrona, ocorreu quase ao mesmo tempo

das falas. A ideia era identificar os temas, não necessariamente analisar profundamente o conteúdo.

Aportando-se nos procedimentos detalhados por Manzini (2020), o foco do coordenador deve ser o conteúdo das falas. A técnica consiste em, a cada relato falado, tentar responder à pergunta: Sobre o que essa fala me informa?

Engelmann (1985) usou terminologia de relato escrito, relato falado ou ainda relato gestual. O relato é a expressão externa de algo que está inacessível, está na consciência ou memória de quem fala, e não podemos ter acesso a ele. Uma das formas para esse acesso seria a análise do relato, que é um processo. Quem fala não consegue ter acesso imediato a esse processo, mas quem ouve pode realizar essa análise. Essa fundamentação é interessante, pois, ao se colocar na posição de um coordenador, o seu papel pode funcionar como um investigador para analisar o que está sendo relatado.

Dessa forma, se o foco é o relato falado, o investigador pode, a cada fala, realizar uma análise e tentar identificar o tema que está sendo falado. Normalmente, quando um discurso ou texto está estruturado, é possível a intercalação de temas. Mas quando a fala é mais espontânea, os temas estão subjacentes a ela. Essa é a função do investigador: tornar os temas das falas em algo explícito. Mas como isso ocorre? Primeiro, a cada relato falado deve-se perguntar: sobre o que essa fala me informa? A resposta será uma palavra ou uma expressão. Um exemplo fictício dessa análise seria: “Eu estive num projeto na França, em 1990, e, durante seis meses, eu trabalhei num projeto sobre reciclagem de lixo”. Ao se questionar “sobre o que esse relato me informa?”, as informações seriam: 1) quando estive na França; 2) quanto tempo estive; 3) em qual projeto trabalhei. Nota-se que, em um simples relato, três informações podem ser identificadas. A operação de análise do investigador foi realizar uma classificação das informações, um procedimento de análise de conteúdo, que, nesse caso, se refere a temas, então, análise temática (Manzini, 2020).

5 Conclusão

O procedimento utilizado trouxe algumas vantagens. A primeira foi a organização do conteúdo de forma que o público-alvo pudesse entender a mensagem de forma estruturada. Na maioria das vezes, quando se avalia que uma fala foi clara ou didática, que possibilitou compreender a mensagem, significa dizer que o conteúdo foi apresentado em uma sequência que possibilitou o entendimento. Assim, enquanto esse conteúdo é organizado previamente, por

meio do procedimento adotado, também ocorre uma auto-organização das falas para os próprios convidados, dirimindo dúvidas sobre o que abordar, em que momento abordar e como abordar.

Uma situação – já vivenciada e comum nos meios acadêmicos – é assistirmos apresentações em mesas-redondas nas quais os convidados repetem certos conteúdos: 1) usam excertos das mesmas legislações; 2) pesquisas de um mesmo autor; 3) usam a mesma definição mais de uma vez. Essas situações podem ser evitadas com uma organização prévia, como no procedimento adotado.

Essa forma de estruturar não significa que a espontaneidade do convidado seja perdida, pois a espontaneidade aparece no primeiro momento da organização. Após a conversa inicial, novos insights podem surgir para os convidados, decorrentes do processo de interação ocorrido anteriormente. Após o *brainstorming* e com a lista de temas traduzidos por meio de perguntas, o processo de selecionar conteúdos a serem falados continua existindo.

Algo que pode ser considerado uma desvantagem refere-se à premissa básica: o coordenador necessita de certo conhecimento e treino para realizar a identificação de temas enquanto os convidados falam. Nem sempre é fácil encontrar os nomes dos temas ou subtemas que sejam compreendidos por todos. Portanto, essa habilidade deve ser desenvolvida. Uma das formas é realizar a gravação da reunião e depois realizar a classificação dos temas identificados, ao assisti-la novamente, ou seja, realizar a análise temática de conteúdo para autovalidar os temas classificados.

Outro elemento importante é submeter a lista de temas ou subtemas para ser apreciada pelos convidados, o que garante a validação do conteúdo das falas por eles. Os resultados indicaram que os convidados se ativeram aos temas e subtemas identificados na conversa prévia, não havendo repetições de conteúdo e se atendo ao tempo da mesa.

A lista de temas também adotou uma ordem lógica para a apresentação ao público, conferindo clareza em relação ao conteúdo das falas dos convidados no momento da roda de conversa.

A maneira de implementar o evento sempre ficará a cargo da coordenação: se a apresentação será na forma de diálogos, com perguntas geradoras, ou se a apresentação será mais estruturada, com apresentação de slides.

Nos dois exemplos citados, os eventos ocorreram por meio de plataformas, online e com a participação de muitas pessoas.

Com certeza há espaço para rodas de conversa em grupo menores, que se atinem mais para as origens epistemológicas desse procedimento, que busquem, realmente, uma troca, que sejam emancipadores, nas quais todos os participantes possam chegar a um nível de maior criticidade e reflexão, cujos resultados possam ser esclarecedores.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política de educação especial na perspectiva da educação inclusiva**. Brasília, DF: MEC, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducespecial.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2024.

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Normas de palestra ou mesa-redonda**. Campina Grande, CONEDU, 2024. Disponível em: <https://www.conedu.com.br/normas-de-palestra-ou-mesa-redonda>. Acesso em: 17 abr. 2024

ELALI, G. A. Roda de conversa arquitetura em contexto de pandemia: velhas questões, novos caminhos-apresentação. **Revista Projetar**, Natal, v. 5, n. 3, p. 194-196, 2020.

ENGELMANN, A. Relato verbal e comportamento verbal. **Psicologia**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 1-6, 1985.

FERNANDES, F. S. Sociedade Brasileira de Educação Matemática, 30 anos: sujeitos, políticas e produção de conhecimento. **Bolema**, Rio Claro, v. 33, n. 63, p. iv-xix, 2019.

GALOÁ. Você segue o protocolo de mesa-redonda e mesa de honra no seu evento? **Galoá**. [s. l.], 17 jan. 2018. Disponível em: <https://galoa.com.br/blog/voce-segue-o-protocolo-de-mesa-redonda-e-mesa-de-honra-no-seu-evento/>. Acesso em: 17 abr. 2024.

GONZÁLEZ, J. L. C. **A pedagogia dos vencidos**. 1983. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 1983.

GUIMARÃES, S. M. **Trocando lições: (re)vivendo a história do programa de alfabetização de adultos-suplência I de Ribeirão Preto-SP**. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2001.

LEITE, F. C. L.; HELLMANN, R. M. Turismo em Florianópolis: uma roda de conversa sobre preservação e sustentabilidade. **Caminho aberto**, Santa Catarina, v. 16, p. 1-8, 2022.

MANZINI, E. J. **Análise de entrevista**. Marília: Abpee, 2020.

MANZINI, E. J.; OLIVEIRA, J. P.; GERMANO, G. D. **Política de e para Educação Especial**. Marília: ABPEE, 2018.

MELO, M. C. H.; CRUZ, G. C. Roda de conversa: uma proposta metodológica para a construção de um espaço de diálogo no Ensino Médio. **Imagens da Educação**, Maringá, v. 4, n. 2, p. 31-39, 2014.

MORGAN, D. L. **Focus groups as qualitative research**. 6. ed. London: Sage Publications, 1977.

MOURA, A. F.; LIMA, M. G. A reinvenção da roda: roda de conversa: um instrumento metodológico possível. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v. 23, n. 1, p. 98-106, 2014.

PAIVA, A. C. S. S.; ARAÚJO, J. D. A. B.; CRUZ, S. H. V. O desenvolvimento da atividade “roda de conversa” em turmas de Educação Infantil. **Da investigação às práticas**, Lisboa, v. 9, n. 2, p. 73-88, 2019.

PINHEIRO, L. R. Rodas de conversa e pesquisa: reflexões de uma abordagem etnográfica. **Pro-Posições**, Campinas, v. 31, e20190041, p. 1-30, 2020.

PINTO, D. P. *et al.* A importância da roda de conversa na educação infantil. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, São Paulo, v. 7, n. 6, 2021.

PÜSCHEL, V. A. A. *et al.* Práticas avançadas em enfermagem no Brasil: como estamos e o que falta? **Revista da Escola Enfermagem USP**, São Paulo, v. 56, e20210455, 2022.

SAMPAIO, J. *et al.* Limites e potencialidades das rodas de conversa no cuidado em saúde: uma experiência com jovens no sertão pernambucano. **Interface**, Botucatu, v. 18, Supl 2, p. 1299-1312, 2014.